

**José Mário Branco**  
RESISTIR É VENCER





**José Mário Branco**  
**RESISTIR É VENCER**

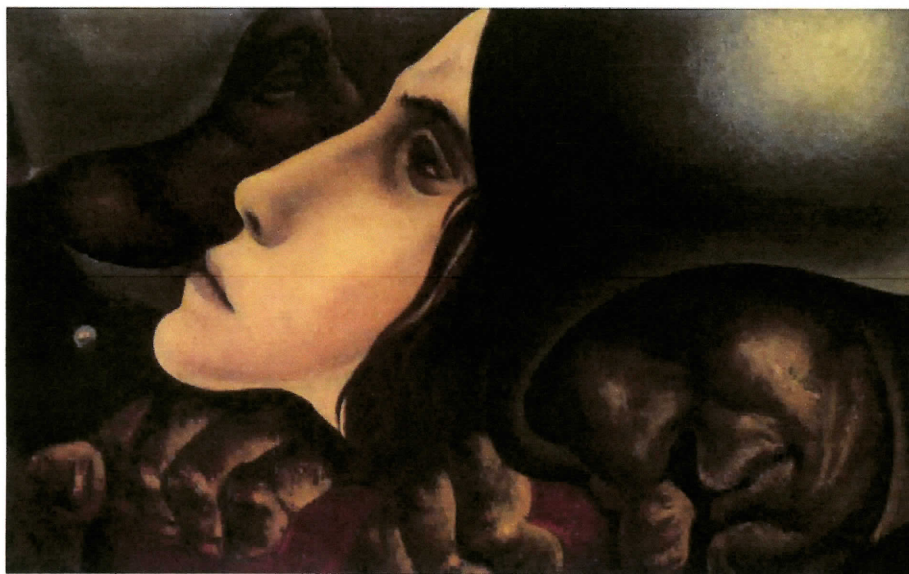


© 2004 EMI-Valentim de Carvalho, Música Lda  
© 2004 EMI-Valentim de Carvalho, Música Lda  
Reservados todos os direitos do produtor fonográfico  
e do proprietário da obra gravada.  
Proibidos a duplicação, o aluguer e a utilização deste disco  
para execução pública e radiodifusão não autorizados.  
SPA Stereo Made in EU  
7243 5 78846 2 4



**EMI**

**José Mário Branco**  
RESISTIR É VENCER





**José Mário Branco**  
**RESISTIR É VENCER**

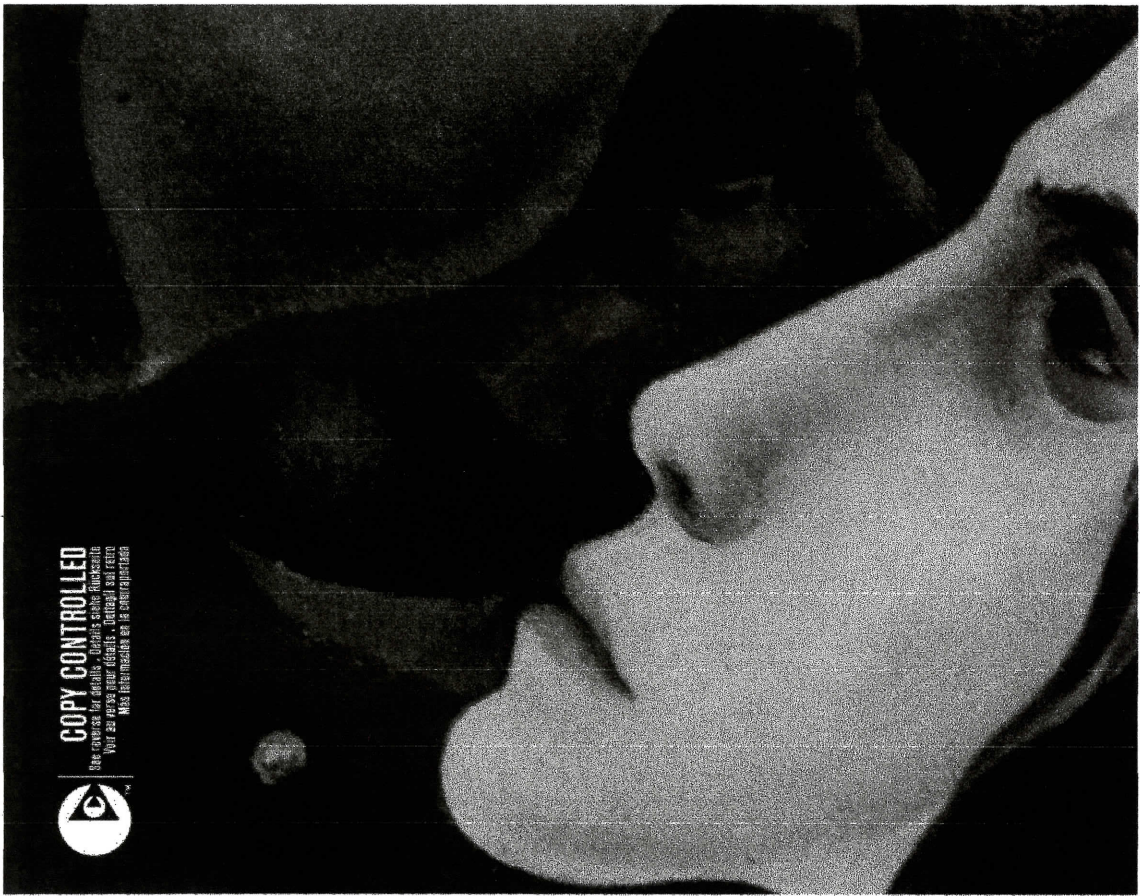


© 2004 EMI-Valentim de Carvalho, Música Lda  
© 2004 EMI-Valentim de Carvalho, Música Lda  
Reservados todos os direitos do produtor fonográfico  
e do proprietário de obra gravada.  
Proibidos a duplicação, o aluguer e a utilização deste disco  
para execução pública e radiodifusão não autorizados.  
SPA Stereo Made in EU  
7243 5 78848 2 4



**EMI**





**COPY CONTROLLED**

For copies for details, contact your distributor.  
Your copy is for personal use only. All rights reserved.  
Más información en la contraportada

### 1. Nem Deus nem Senhor

letra e música: José Mário Branco

A luz é tão cega  
Que nunca se entrega  
Só se deixa ver  
Numa razão de ser  
Sem sequer entender  
Os olhos que a vão receber

E o rasto que fica  
É uma coisa antiga  
Que a gente tem p'ra dar  
E só pode encontrar  
Quando morrer a procurar

Salvo pelo amor  
Só se pode ser salvo pelo amor  
Do sentido perdido ganhador

Não tem Deus nem Senhor  
Esta dor  
Anda à solta por aí  
Que eu bem a vi  
Ai, se eu pudesse parar  
Se eu vos pudesse contar

Salvo pelo amor  
Não existe derrota para a dor  
Com o seu capital triturador

Não tem Deus nem Senhor  
É simplesmente dor  
Que é o que faz questão de ser  
Sem entender  
Que a vida toda surgiu  
De um Sol que nunca se viu  
Nem sei se existe

Orquestra de Gratz cordas  
**Tomás Pimentel** trompete  
**José Peixoto,**  
**Francisco Abreu**  
guitarras acústicas  
**João Paulo Esteves da Silva**  
piano  
**Carlos Bica** contrabaixo

### 2. Se do Império

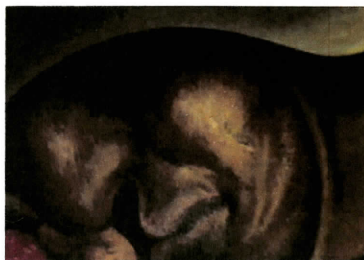
letra e música: José Mário Branco

Se do Império os mortos vais contar  
São tantas as parcelas p'ra somar  
Qualquer pequena história ao virar da esquina  
Guatemala, Indonésia, Argentina  
Djenine e Hiroshima

Para bem contar, não contes pelos dedos  
Nenhuma conta conta a dor  
Que essas contas contarão  
Aí nessa rua a seguir à tua  
Sangue, lágrimas - e medos

Tem cuidado  
Se do Império os mortos vais contar  
Melhor será saber recomeçar  
Que os mortos do Império vão voltar

Se do Império os mortos vais contar  
Terás milhões de vidas p'ra somar  
A grande história escrita ao virar da esquina  
Vietname, Curdistão, Filipinas  
Angola e Palestina



Para bem contar, preciso é ter coragem  
E deitar contas ao horror  
Que essas contas contarão  
E a conta continua a seguir à tua  
Fome, cárcere - pilhagem

Sê paciente  
Se do Império os mortos vais contar  
Melhor será saber recomeçar  
Que os mortos do Império vão voltar

São mortos distantes  
Em tudo semelhantes  
A esses outros mortos que estão vivos  
Em tímidas vidas  
Almas cativas  
Mas prometidas

Os vivos  
São o regresso dos mortos  
Que os impérios dão  
À revolução

**João Paulo Esteves da Silva** piano  
**Carlos Bica** contrabaixo  
**Alexandre Frazão** - bateria  
**Adélio Carneiro** tubas  
**Numo Cunha, Edgar Marques,**  
**Luis Loal, Pedro Marinho** trompas  
**Paulo Gaspar** clarinete  
**Rui Marques** flauta  
**Grupo Coral "Os Escolhidos"**  
e **João Afonso** coro

### 3. Poder

letra e música: José Mário Branco

Um herói  
À mesura  
Da sua estatura  
Vai sempre à procura  
Ond' inda ninguém foi

Um herói  
Não descura  
Um ou outro dói-dói  
Uma dura aventura  
Não mata mas mói

Caso venha a ser preciso  
Arriscar qualquer coisinha  
Na operação  
Um herói no seu juízo  
Leva sempre uma pilinha  
Em cada mão

Com a cobertura da instituição  
Mais aquilo do Deus-Pátria-Canhão  
Um herói nunca se corta  
Meio olho-vivo, meio mão-morta  
A porta  
Não importa

Um herói  
Façanhudo  
É de tudo capaz  
Faz ao peixe miúdo  
O que mais ninguém faz

Um herói  
Catrapás  
Salta dos quadradinhos  
Puxa os cordelinhos  
E eles vêm atrás

Com algum equipamento  
Assegura a quadratura  
Da operação  
E o simbólico instrumento  
É uma armadura dura  
Em cada mão

Um herói é o garante, o bastão  
Dessa coisa do Deus-Pátria-Canhão  
Nunca teme, nunca se corta  
Come peixinhos da horta  
Mulher morta  
Não aborta

*(ao refiã)*  
*← Pátria:*  
Poder  
Quem o tem, tem ascendente  
Poder  
Quem o tem, faz-se valente  
Bem usado  
Mal usado  
O poder é prepotente

*)*  
Assim  
Diz o povo amiúde  
Assim  
Herói era toda a gente  
Mais val' rico e com saúde  
Do que pobre e doente

**Tomás Pimentel, Nuno Marques** trompete  
**Claus Nymark, Luis Cunha** trombones  
**Carlos Gonçalves** trombone baixo  
**Adélio Carneiro** tuba  
**Carolino Carreira** fagote  
**Paulo Gaspar** clarinete  
**Artur Romquina** oboé **Rui Marques** flauta  
**Rui Júnior** percussão  
**Grupo Coral "Os Escolhidos"** coro

#### 4. As contas de Deus

letra e música: José Mário Branco

Folhas de calendário são  
Almas em busca de água e pão  
Quanto mais o tempo passa  
Menos a desgraça  
Tem valor

Que buscas tu, ó meu irmão  
Industrial da opressão  
Cada letra do teu nome  
É um ano de fome  
E de dor

Contas e contas se fazem num dia  
Ai quantas contas se fazem num dia  
Corpos caídos  
Vidas aos bocados  
Tapados dos lados  
Por cima e por baixo  
E eu, ou vou ou racho  
O que eu não faria  
Com as contas de um só dia  
Se eu fosse Deus  
Se Deus não fosse eu

Alguém que acorde esse país  
Que pegue fogo aos alibis  
De quem pensa que o dinheiro  
Se gasta primeiro  
Que o amor

Como se pode ser feliz  
Sabendo a dor que não se diz  
Cada minuto da hora  
Alguém vai embora  
Ou pior

Contas e contas se fazem num dia...

Como se Deus não fosses tu

José Peixoto,  
Francisco Abreu  
guitarras acústicas  
Carlos Bica  
contrabaixo

#### 5. Canção dos despedidos

letra e música: José Mário Branco

Somos explorados no trabalho, e não só  
Também somos o lixo  
Lixo na tê-vê, quem lá está e quem vê  
Lixo no jornal, voz do seu capital  
Estamos entregues aos bichos  
E o lixo produz mais lixo

E o tempo a passar  
E eu a cantar  
Eu também faço parte do lixo

Há quem viva bem do nosso mal-viver  
Nós somos lixo  
Somos só lixo  
Já não há gente, há só lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
E agora parem um minuto p'ra pensar

Há que humanizar a humanidade, e não só  
Há que varrer o lixo  
O do Capital, que é o lixo global  
Lixo do Estado, que é o seu braço armado  
O mundo é de quem manda  
E o resto é propaganda

Tudo é publicidade  
Mas a liberdade  
É escolher entre ser ou estar

Tens a boca cheia de palavras lindas  
P'ra ti sou lixo  
Somos só lixo

Nós não somos gente, somos lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
Mas vou parar mais um minuto p'ra pensar

#### 6. Onofre

letra e música: José Mário Branco

Arranjo dos sopros: Tomás Pimentel  
João Paulo Esteves da Silva piano  
Francisco Abreu guitarra electro-acústica  
Carlos Bica contrabaixo  
Alexandre Frazão bateria  
Tomás Pimentel, Miguel Gonçalves  
trompetes  
Luís Cunha trombone  
Daniel Salomé, José Meneses  
saxofones alto  
Jorge Reis saxofone tenor  
Edgar Caramelo saxofones tenor e barítono

Vamos a casa  
Ao fim do dia  
Só p'ra regenerar a mais-valia  
Ganhar forças, fazer filhos  
Cada um no seu caixote  
E amanhã tomar o bote  
Para o paraíso dos cadilhos

Quem é o lixo  
Eles são o lixo do corpo e da alma  
Como é que se pode ter calma  
P'ra varrer este monturo  
Dos escombros do futuro

Arranjo de sopros: Tomás Pimentel  
João Paulo Esteves da Silva - piano  
Carlos Bica - contrabaixo  
Rui Júnior - percussão  
Rui Marques - flauta alto  
Jorge Reis - saxofone soprano  
Tomás Pimentel - flugelhorn  
Paulo Gaspar - clarinete baixo  
Grupo Coral "Os Escolhidos",  
João Afonso e Tomás Pimentel - coro

Quando o espectro de Goebbels me ensombra e me agride com mais  
Guerra mediática  
E a sua matilha se maquilha  
Quando essa escolha cuidada de coisas reais ficcionadas, iguais  
Sem lei nem gramática  
Faz de cada Homem uma ilha  
Quando vem a maré negra dessa matilha obscena  
E para sobreviver há que sair de cana  
Resta só a solução de premir o botão  
Quem sofre  
Quem sofre  
Quem sempre sofre é o Onofre

Quando a voz do Grande Irmão mostra sempre outra cara escondendo  
A paz totalitária  
No negócio do seu matadouro  
Quando propagandeando a janela do mundo só abre p'ra dentro  
E é sempre o cenário  
Em que o sangue valoriza o ouro  
Os jornalistas clonados facturam a desgraça  
Nem no amor nem na dor a caravana passa  
Vou vomitar e então carrego no botão  
O Onofre  
O Onofre  
Triste poder de quem sofre

Quando p'ra tanto poder parece que já nada podemos fazer  
P'ra nos mantermos vivos  
E eles tão seguros da vitória  
Quando agressivos, banais, sorridentes, coprófagos fartos de ser  
Plurais digestivos  
Até resistir é uma história  
Só o Onofre me diz que o dono inda sou eu  
Que esse terrível poder ninguém o elegeu  
E logo a alma da mão carrega no botão  
Onofre  
Onofre  
És o segredo do cofre

"Onofre":  
nome português para "on-off"



#### 4. As contas de Deus

letra e música: José Mário Branco

Folhas de calendário são  
Almas em busca de água e pão  
Quanto mais o tempo passa  
Menos a desgraça  
Tem valor

Que buscas tu, ó meu Irmão  
Industrial da opressão  
Cada letra do teu nome  
É um ano de fome  
E de dor

Contas e contas se fazem num dia  
Al quantas contas se fazem num dia  
Corpos caídos  
Vidas aos bocados  
Tapados dos lados  
Por cima e por baixo  
E eu, ou vou ou racho  
O que eu não faria  
Com as contas de um só dia  
Se eu fosse Deus  
Se Deus não fosse eu

**José Peixoto,**  
**Francisco Abreu**  
guitarras acústicas  
**Carlos Bica**  
contrabaixo

Alguém que acorde esse país  
Que pegue fogo aos alibis  
De quem pensa que o dinheiro  
Se gasta primeiro  
Que o amor

Como se pode ser feliz  
Sabendo a dor que não se diz  
Cada minuto da hora  
Alguém vai embora  
Ou pior

Contas e contas se fazem num dia...

Como se Deus não fosse tu

#### 5. Canção dos despedidos

letra e música: José Mário Branco

Somos explorados no trabalho, e não só  
Também somos o lixo  
Lixo na tê-vê, quem lá está e quem vê  
Lixo no jornal, voz do seu capital  
Estamos entregues aos bichos  
E o lixo produz mais lixo

E o tempo a passar  
E eu a cantar  
Eu também faço parte do lixo

Há quem viva bem do nosso mal-viver  
Nós somos lixo  
Somos só lixo  
Já não há gente, há só lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
E agora parem um minuto p'ra pensar

Há que humanizar a humanidade, e não só  
Há que varrer o lixo  
O do Capital, que é o lixo global  
Lixo do Estado, que é o seu braço armado  
O mundo é de quem manda  
E o resto é propaganda

Tudo é publicidade  
Mas a liberdade  
É escolher entre ser ou estar

Tens a boca cheia de palavras lindas  
P'ra ti sou lixo  
Somos só lixo  
Nós não somos gente, somos lixo  
Dispensável, descartável, reciclável  
Mas vou parar mais um minuto p'ra pensar

#### 6. Onofre

letra e música: José Mário Branco

Arranjo dos sopros: Tomás Pimentel  
**João Paulo Esteves da Silva** piano  
**Francisco Abreu** guitarra electro-acústica  
**Carlos Bica** contrabaixo  
**Alexandre Frazão** bateria  
**Tomás Pimentel, Miguel Gonçalves**  
trompetes  
**Luis Cunha** trombone  
**Daniel Salomé, José Meneses**  
saxofones alto  
**Jorge Reis** saxofone tenor  
**Edgar Caramelo** saxofones tenor e barítono

Vamos a casa  
Ao fim do dia  
Só p'ra regenerar a mais-valia  
Ganhar forças, fazer filhos  
Cada um no seu caixote  
E amanhã tomar o bote  
Para o paraíso dos cadilhos

Quem é o lixo  
Eles são o lixo do corpo e da alma  
Como é que se pode ter calma  
P'ra varrer este monturo  
Dos escombros do futuro

Arranjo de sopros: Tomás Pimentel  
**João Paulo Esteves da Silva** - piano  
**Carlos Bica** - contrabaixo  
**Rui Júnior** - percussão  
**Rui Marques** - flauta alto  
**Jorge Reis** - saxofone soprano  
**Tomás Pimentel** - flugelhorn  
**Paulo Gaspar** - clarinete baixo  
**Grupo Coral "Os Escolhidos"**,  
**João Afonso e Tomás Pimentel** - coro

Quando o espectro de Goebbels me ensombra e me agride com mais  
Guerra mediática  
E a sua matilha se maquilha  
Quando essa escolha cuidada de coisas reais ficcionadas, iguais  
Sem lei nem gramática  
Faz de cada Homem uma ilha  
Quando vem a maré negra dessa matilha obscena  
E para sobreviver há que sair de cena  
Resta só a solução de premir o botão  
Quem sofre  
Quem sofre  
Quem sempre sofre é o Onofre

Quando a voz do Grande Irmão mostra sempre outra cara escondendo  
A paz totalitária  
No negócio do seu matadouro  
Quando propagandeando a janela do mundo só abre p'ra dentro  
E é sempre o cenário  
Em que o sangue valoriza o ouro  
Os jornalistas clonados facturam a desgraça  
Nem no amor nem na dor a caravana passa  
Vou vomitar e então carrego no botão  
O Onofre  
O Onofre  
Triste poder de quem sofre

Quando p'ra tanto poder parece que já nada podemos fazer  
P'ra nos mantermos vivos  
E eles tão seguros da vitória  
Quando agressivos, banais, sorridentes, coprófagos fartos de ser  
Plurais digestivos  
Até resistir é uma história  
Só o Onofre me diz que o dono Inda sou eu  
Que esse terrível poder ninguém o elegeu  
E logo a alma da mão carrega no botão  
Onofre  
Onofre  
És o segredo do cofre

"Onofre":  
nome português para "on-off"

**7. Eram mais de cem** letra e música: José Mário Branco

*Refra:*

Eram mais de cem  
Eram mais de mil  
Não os contei bem  
Um milhão de il- lputianos pr' ai

Os homens pequenos  
Quando são demais  
Não fazem por menos  
Tornam-se fatais - vão por mim que o vivi *(an refrão)*

Como é que um freguês duma freguesia qualquer  
Vê o seu destino  
Fazer o pino  
Sem saber ler - nem 'screver

Homem avisado sempre ouviu alguém dizer  
Cada naufrágio  
É um preságio  
Do que vai a- contecer *(an Refra)*

Vá-se lá saber o que é que esta gente me quer  
Este lugar  
Tão singular  
Ai quem me val' - a valer

Há sempre um lugar que falta a gente conhecer  
Ai se eu soubera  
Como isto era  
Nunca viera - aqui ter *(an refrão)*

Preso assim que nem é modo d' alguém preso ser  
Pequenos fios  
Nós corredios  
Que assim me estão - a prender

Já 'stá tecida uma teia para me tecer  
Cabeça e pés  
Os dedos dez  
Já não me po- sso mexer *(an refrão)*

**José Pezoto,**  
**Francisco Abreu** guitarra acústica  
**Carlos Bica** contrabaixo  
**Rui Júnior** percussão  
**Orquestra de Gratz** cordas  
**Grupo Coral**  
**"Os Escolhidos"** coro

**8. O papão do anão** letra e música: José Mário Branco

O papão do anão  
É o anão do próprio anão  
O pior pr' o anão  
É ter um irmão menor  
É ter um irmão maior  
É ter um irmão...

Só de costas o anão é parecido  
Com o menino que pode ter sido

Os anões não se medem aos palmos  
Eu sou o melhor  
Eu sou o maior  
Quero ser *(an refrão)*  
Hei-de ser sempre o mais pequenino  
Estreitinho  
Maneirinho  
Que há-de haver

Propriamente ser anão não custa puto  
O que custa é manter esse estatuto

O papão do anão  
É o anão do próprio anão  
O pior pr' o anão  
É ter um irmão menor  
É ter um irmão maior  
É ter um irmão melhor  
O pior pr' o anão  
É ter um irmão

Ser anão não é coisa do corpo  
É forma do espírito morto

São anões pr'a quem tudo são palmos  
Eu sou o melhor  
Eu sou o maior  
Quero ser sempre o mais pequenino  
Estreitinho  
Mirradinho  
Que há-de haver

Propriamente ser anão não é defeito  
É gostar de ser pequeno sem proveito

O papão do anão (...)

**José Pezoto** guitarra acústica  
**Francisco Abreu** guitarra acústica, guitarra eléctrica  
**Carlos Bica** contrabaixo  
**Quarteto Antropos** cordas

**9. A vida rompeu**

poema: Nuno Júdice, segundo Raúl Brandão · música: José Mário Branco

A vida rompeu  
Onde tudo era breu  
E embora fosse morrer  
A morte  
Começou a reverdecer  
A morte  
Começou a reverdecer

Eram dois mendigos  
E amavam-se de amor  
Demorou Deus a olhá-los

*Demorou Deus a olhá-los*

Demoraram os carracos  
A levá-los  
A levá-los

*A vida rompeu*  
*Onde tudo era breu*  
  
Toda a terra fermentou  
  
*E embora fosse morrer*  
*A morte*

*Vozes, ventos e murmúrios*

*Eram dois mendigos*  
*E amavam-se de amor*

*Deu água a fonte que secou*

*Demorou Deus a olhá-los*  
*A morte*

Vozes, ventos e murmúrios  
  
Passou a noite absorto  
No negrume opaco da noite  
Sóis, núvens, aves  
Um deus morto  
No negrume opaco da noite

*Ficam cínicos, brutais*  
*Descendo cada vez mais*  
*Pr'a subir cada vez menos*  
*Quanto mais o mal se expande*  
*Mais acham que ser grande*  
*É lixar os mais pequenos*

*Quem escolhe ser assim*  
*Quando chegar ao fim*  
*Vai ver que errou o seu caminho*  
*Quando a vida é hipotecada*  
*No fim não sobra nada*  
*E acaba-se sozinho*

*Mesmo sendo os poderosos*  
*Tão fracos e gulosos*  
*Que precisam do poder*  
*Mesmo havendo tanta gente*  
*Pr'a quem é Indif'rente*  
*Passar a vida a morrer*

*Há princípios e valores*  
*Há sonhos e há amores*  
*Que sempre irão abrir caminho*  
*E quem viver abraçado*  
*À vida que há ao lado*  
*Não vai morrer sozinho*  
*E quem morrer abraçado*  
*À vida que há ao lado*  
*Não vai viver sozinho*

**João Paulo**  
**Esteves da Silva** piano  
**Grupo Coral**  
**"Os Escolhidos"** coro

**José Pezoto,**  
**Francisco Abreu** guitarra acústica  
**Carlos Bica** contrabaixo  
**Leo II-So** violoncelo  
**Grupo Coral**  
**"Os Escolhidos"** coros

**10. Do que um homem é capaz** letra e música: José Mário Branco

Do que um homem é capaz  
As coisas que ele faz  
Pr'a chegar aonde quer  
É capaz de dar a vida  
Pr'a levar de vencida  
Uma razão de viver

A vida é como uma estrada  
Que vai sendo traçada  
Sem nunca arrepiar caminho  
E quem pensa estar parado  
Vai no sentido errado  
À caminhar sozinho

Vejo gente cuja vida  
Vai sendo consumida  
Por miragens de poder  
Agarrados a alguns ossos  
No meio dos destroços  
Do que nunca se fez

Vão poluindo o percurso  
Co' as sobras do discurso  
Que lhes serviu pr' abrir caminho  
À custa das nossas utopias  
Usurpam regalias  
Pr'a consumir sozinho

Com políticas concretas  
Impõem essas metas  
Que nos entram casa dentro  
Como a Trilateral  
Co' a treta liberal  
E as virtudes do centro

No lugar da consciência  
A lei da concorrência  
Pisando tudo p'lo caminho  
Pr'a castrar a juventude  
Mascaram de virtude  
O querer vencer sozinho

*Vão*



**11. Canto dos Torna-Viagem** letra e música: José Mário Branco

Foi no sulco da viagem  
Já sem armas nem bagagem  
Nem os braços da equipagem  
Foi ao voltar

Pátria moratória  
No coração da História  
Que consumiste a glória  
Num jantar

Foi como se Portugal  
P'ra seu bem e p'ra seu mal  
Andasse em busca dum final  
P'ra começar

Ávida violência  
Reverso de inocência  
Sal da inconsciência  
Que há no mar

Império tão pequenino  
De portulano caprino  
Bolsos de sina e de sino  
Em cada mão

Pátria imaginária  
De consistência vária  
Afirmção diária  
Do teu não

As malas dos portugueses  
São como os olhos das rezes  
Que se mastigam três vezes  
Em cada chão

Cândida ignorância  
Grande desimportância  
Os frutos da errância  
Já lá vão

Ai Senhora dos Navegantes me valei  
De África, do sal e do mar só eu sobrei  
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi  
Longe vai o tempo em que eu já não estou aqui

Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais  
Socorrei estes desperdícios coloniais  
Foi na noite fria que o dia me cegou  
Inda agora fui, inda agora cá não estou

Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai  
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai  
Eteceetra e tal, Portugal é nós no mar  
Inda agora vim e estou longe de chegar

Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí  
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti  
Se é tão grande a alma na palma do meu ser  
Algum dia eu vou finalmente acontecer

Porque não tentar outro ponto de vista  
A história dos outros, quem a contará  
Se qualquer colónia sem colonilista  
São os que já estavam lá

Tentemos então ver a coisa ao contrário  
Do ponto de vista de quem não chegou  
Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário  
Eu não era quem eu sou

Os navegadores chegaram cá a casa  
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim  
A cruz e a espada e os olhos em brasa  
Porque me trataste assim ?

Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio  
Não se incomodou ao saber do horror  
A História não olha a quem fica no meio  
E o que foi é de quem fôr

**12. Fado em dó maior**  
letra e música: José Mário Branco

Qualquer sítio do mundo  
Tem o seu português  
Ou antigo português  
Ou resto de português

O resto desse resto português  
É que faz a vez  
Do todo português

Abismo vagabundo  
Chamado Portugal  
Viaduto natural  
Entre a Índia e o quintal

É tão longe de Portugal a Portugal  
Dói mas não faz mal  
É o mal de Portugal (ao refrão)

Arrisco quase tudo  
E quase pela certa  
Quando a sorte nos aperta  
Perder é quase ganhar

Eu sempre que abalei à descoberta  
Deixei a porta aberta  
Para quem quisesse entrar

Por isso apareço  
Onde menos se espera  
Taberneiro de quimera  
Marinheiro sempre à mão

O ir-e-vir é que me dilacera  
Mas o futuro que já era  
Vai pagando a redenção (ao refrão)

Talvez eu chegue um dia  
Ao fim desta viagem  
Ficando aqui na paragem  
A andar p'ra cá e p'ra lá

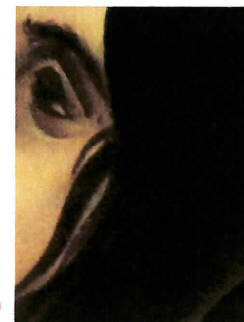
Se a camioneta nunca mais chegar  
Eu não vou parar de andar  
E alguma coisa virá

A vida é assim feita  
Que tudo o que parece  
É mesmo aquilo que acontece  
Ou parece acontecer

Certo, certo, é que ao fim deste carril  
Há-de haver algum um Brasil  
Para eu me refazer (ao refrão)

Refrão:  
Por aí  
Mais ou menos  
O que eu vi  
Já te vi  
Ostrogodos sarracenos  
Inda agora os conheci

Saio da casca  
É já ali  
Fico à rasca  
Na borrasca  
Portugal agora é aqui  
Quem não pode, desenrasca



José Manuel Neto guitarra portuguesa  
Carlos Manuel Preença viola  
Carlos Bica contrabaixo  
Jorge Reis saxofone tenor  
Daniel Sakomé, José Meneses saxofones alto  
Edgar Caramelo saxofones tenor e barítono  
Grupo Coral "Os Escolhidos" coro entoado  
Coro dos Amigos coro falado

Ao Fausto

Fausto Bordalo Dias voz  
José Polzoto, Francisco Abreu guitarras acústicas  
Carlos Bica contrabaixo  
Tomás Pimentel, Nuno Marques trompetes  
Claus Nyman, Luis Cunha trombones  
Rui Marques flautim  
António José Martins, João Luís Lobo, Fernando Molina percussão  
Quarteto Anthropos cordas  
Orquestra de Gratz cordas  
Grupo Coral "Os Escolhidos" coro  
Coro dos Gambuzinos coro  
Luis Martins Sazaha sonoplastia da coda

### 13. Pão-pão

letra e música: José Mário Branco

Pé de milho  
Pé da porta  
Pai p'ra filho  
Pão-pão

A cultura  
Mesmo à gri-  
Dura, dura  
Pão-pão

*(refrão)*  
*Dois lados tem o espelho*  
*O da mão, o do umbigo*  
*Uma coisa é ser velho*  
*Outra é ser antigo*

Pedra a pedra  
Ano a ano  
Se não medra  
Pão-pão

Um que nasce  
Um que morre  
O tempo faz-se  
Pão-pão

*(ao refrão)*  
Sérgio Godinho voz  
Júlio Pereira bouzouki  
José Peixoto, Francisco Abreu guitarra acústica  
Carlos Bica contrabaixo  
Rui Júnior, António José Martins, João Luis Lobo,  
Fernando Molina percussão  
Paulo Marinho gaita de foles  
Nuno Cunha, Edgar Marques trompa

Gota a gota  
Chove a chuva  
Abarrota  
Pão-pão

O rabanho  
Pela encosta  
Verde branco  
Pão-pão

Castanheiro  
Centenário  
Chão e cheiro  
Pão-pão

Pensamentos  
Porque há tempo  
Sedimentos  
Pão-pão

*(ao refrão)*

### 14. Amor gigante

letra e música: José Mário Branco

Um mundo à justa medida  
Nunca houve  
Nem sei se haverá  
Contam-se histórias da vida  
Tão estranhas

Tão cruéis que sei lá  
Como a de certa donzela  
Que era extensamente bela

Tão grande e tão amada  
Por quem - nada  
Era ao pé dela

Tão grande e tão amada  
E cortejada  
Por quem - nada  
Era ao pé dela

*Refrão:*  
*Não vejo poder amar-te*  
*Na desejada proporção*  
*Embora não sei por que arte*  
*Caibas de pé no meu coração*  
*Menina gigante*  
*Que 'stás tão distante*  
*Aqui mesmo diante*  
*De mim*

*Percorro pressurosamente*  
*A longa rota do teu corpo*  
*Sem conseguir, por mais que tente*  
*Chegar ao fim-de-ti antes de morto*  
*Menina colosso*  
*Que eu quero e não posso*  
*Porque é que assim troço*  
*De mim*

A menina desta história  
Era grande  
Muito grande até  
Grandeza contraditória  
Mas que pouco  
Esse louco era ao pé  
Pensando não ser bastante  
Sentir um amor gigante

Assim cantava o dito  
Pequenito  
Seu amante

Mais que um canto era um grito  
O do dito  
Pequenito  
Seu amante

*(ao refrão)*  
As histórias de gigantes  
Era dantes  
Que acabavam bem  
Hoje escolhe-se o amante  
Consoante  
Se o tamanho convém

Quarteto Anthropolos cordas

*Citações incidentais*  
*de temas de Debussy,*  
*Ravel, Prokofiev*  
*e Shostakovich*

### 15. Tenho dó das estrelas

poema: Fernando Pessoa  
música: José Mário Branco

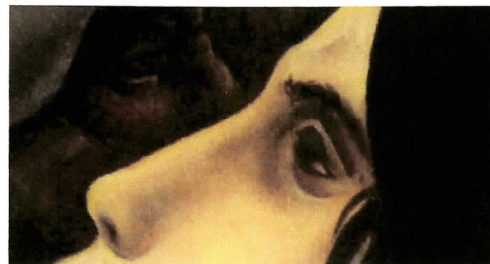
Tenho dó das estrelas  
Luzindo há tanto tempo  
Há tanto tempo...  
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço  
Das coisas,  
De todas as coisas,  
Como das pernas ou de um braço?

Um cansaço de existir,  
De ser,  
Só de ser,  
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,  
Para as coisas que são,  
Não a morte, mas sim  
(Uma) outra espécie de fim,  
Ou uma grande razão -  
Qualquer coisa assim  
Como um perdão?

Grupo Coral "Os Escolhidos"  
coro  
Luís Cunha  
trombone tenor  
Carlos Gonçalves  
trombone baixo  
Orquestra de Gratz  
cordas



### 16. Elogio de Caeiro

letra e música: José Mário Branco

Olhar p'ra tudo como um movimento  
Certo, elegante comprometimento  
Com a cor, com a norma  
Com a vez, com o tempo  
O tempo justo para a forma  
O tempo justo para dentro  
E só falar para dizer

Viver unido, unido com a terra  
Sem ter sequer qualquer uso p'ra guerra  
Produzir, repartir  
Descansar a seguir  
O olhar incrível de um cavalo  
Sageza, amor, tudo a habitá-lo  
E ser igual dar ou receber

Cantar nitidamente a natureza  
Ser cantar, ser só simples certeza  
Como o vivo, o primeiro  
Como a voz de Caeiro  
Desconhecer o fel da fala  
Ou conhecendo-o, ignorá-la  
E tudo o que é, acontecer

Ao José Peixoto

José Peixoto, Francisco Abreu guitarra acústica  
Carlos Bica contrabaixo  
Quarteto Anthropolos cordas  
Orquestra de Gratz cordas  
Artur Rouquima oboé  
Rui Marques flauta  
Grupo Coral "Os Escolhidos" coro

**Quarteto Anthropos (Viena)**

Luis Morais - 1.º violino  
Ko Wang-Yo - 2.º violino  
Michael Trabesinger - viola  
Lee Il-Se - violoncelo

**Orquestra de Graz (Viena)**

Dong Hynk Kim - maestro  
Luis Morais, Sergei Bolotny, Andreas  
Kalfmann, Annette Weitendorber,  
Narachi Nima e Kathrin Lenzenweger -  
1.os violinos  
Ko Wang-Yo, Smaranda Lelutiv, Orsolya  
Pálfi, Nora Pötter, Stalislava Svirac  
e Ardian Lahi - 2.os violinos  
Michael Trabesinger, Marie-Therese  
Hartel, Laura Jungairth e Margarethe  
Hlava - violas  
Lee Il-Se, Pflgard Wilhelm  
e Ele Schöffmair - violoncelos.  
James Rapport e König Franz - contrabaixos

**Grupo Coral "Os Escolhidos"**

Amélia Muge, Fernando Pinheiro, Filipa  
Pais, Genevêva Faisca, Quilhermino  
Monteiro, Jorge Palma, José Manuel  
David, Luísa Rodrigues, Manuela de  
Brito, Paulo Santos Silva e Rui Vaz

**Coro dos Gambuzinos (Porto)**

Afonso Souto Moura, Amendoim, Ana  
Luísa Abreu, Ana Luísa Moura, Bárbara,  
Batazinha frita, Carolina Duarte,  
Chenda, Coelho, Cuca, Gui, Maria Rui,  
Mariana Branco, Microfone, Miguel  
Simões, Pilas, Presunto, Rita Sousa e  
Teia, ensaiados, dirigidos e muito  
amados por Suzana Ralha

Direção, produção, arranjos e orquestrações **José Mário Branco**  
Assistência de produção artística **Manuela de Freitas**  
Assistência de produção musical **António José Martins**  
Produção Executiva **Vachier & Associados, Lda**  
Produtor Executivo **Paulo Salgado**  
Direção técnica **António Pinheiro da Silva**  
Assistência de direção técnica e anotações **Maria João Castanheira**

As partes de guitarra tocadas por José Peixoto foram por ele concebidas.  
As canções 3, 7, 8, 10, 12, 13, 14 e 16 foram feitas para a peça "Gulliver", de J. Swift / Helder  
Costa, levada à cena pelo grupo "A Barraca" em 1997. A canção 9 foi feita para a peça "A  
Morte do Palhaço", baseada em Raúl Brandão, levada à cena pelo grupo "O Bando" em 1991.

Gravado e masterizado entre Janeiro e Março de 2004 no Estúdio *O Circo a Vapor* (Lisboa) por  
António Pinheiro da Silva, Frederico Pereira e Maria João Castanheira  
Gravação de cordas em Fevereiro de 2004 na Wiener Konzerthaus (Viena) por António Pinheiro  
da Silva, Maria João Castanheira, Georg Burdick e Andreas Melcher.  
Edição e misturas em Fevereiro e Março de 2004 no Estúdio *Pé-de-Meia* (Oeiras) por António  
Pinheiro da Silva, Frederico Pereira, Maria João Castanheira e José Mário Branco

Imagem da capa - Júlio Pomar ("Resistência", 1946, óleo sobre aglomerado,  
33 x 73 cm, Coleção Pomar)  
Fotografia - Isabel Pinto  
Design gráfico - Luis Carlos Amaro/ Gráficos à Lapa

Fausto Bordoal Dias gentilmente cedido por Sony Music Entertainment (Portugal) SA  
Sérgio Godinho e Jorge Palma gentilmente cedido por EMI Music Portugal  
João Afonso gentilmente cedido por Universal Music Portugal, SA  
Amélia Muge e Filipa Pais gentilmente cedido por Vachier & Associados, Lda  
José Peixoto gentilmente cedido por Zona Música

Nota: José Mário Branco trabalha com computadores Apple Macintosh  
Apoio BAZA Associação de Arte

Agradecimento a Júlio Pomar por ~~suporte~~ autorizar a reprodução do seu quadro na capa.

(P) & (C) 2004 José Mário Branco sob licença exclusiva à EMI-Valentim de Carvalho, Música,  
Lda

VACHIER & ASSOCIADOS - Produção de Espectáculos, Lda  
Estrada das Várzeas, 2 B - 2790 444 Queijas - Portugal  
Tel: (351) 21 416 83 00; Fax: (351) 21 416 83 09  
vachier@vachier-producao.pt - www.vachier-producao.pt

7248 5 78846 2 1



fixar  
fixar